

Na sessão do dia 26/10 assistimos dois filmes: um curta-metragem de nome Aruanda, dirigido por Linduarte Noronha e o longa-metragem Eu, um negro do diretor Jean Rouch.

O primeiro é um documentário de cerca de 20 minutos e é considerada a obra célebre do diretor Linduarte Noronha. O filme é de 1960 e mostra a fundação de um quilombo na Serra do Talhado por escravos fugidos, procurando condições melhores de vida. Muitos anos depois, já após o fim da escravidão, essa comunidade sobrevive, de forma um tanto precária, a partir do plantio de algodão e da cerâmica. Esse artesanato é feito pelas mulheres e depois levado até a cidade mais próxima para ser trocado por outros tipos de materiais. Sem falas, o filme são as imagens acompanhadas de trilha sonora.

O segundo filme é um longa de Jean Rouch, de aproximadamente 70', filmado em Abidjan, a cidade mais populosa da Costa do Marfim, mas precisamente no bairro Trechville onde se encontram muitos dos imigrantes vindos do Níger a procura de empregos. O filme acompanha o dia-a-dia de um grupo de jovens imigrantes. No entanto as imagens são narradas ou encenadas pelos próprios "personagens", ou seja, os diálogos e os pensamentos dos personagens são improvisados ou reinventados posteriormente, de modo que não sabemos a veracidade ou não do que foi dito na cena filmada. Daí a mescla de documentário e ficção. No mais o filme narra as dificuldades desses imigrantes em situações de vida precárias numa sociedade/cidade que a rápida industrialização leva a atribuição de grande importância ao dinheiro, até em situações cotidianas, como conquistar uma namorada. E mostra a lembrança saudosista desses personagens de um modo de vida calmo (e talvez mais igualitário) na sua comunidade à beira do rio Níger.